

# **ORIENTAÇÃO NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: AUTOETNOGRAFIA EM UMA UNIDADE DIDÁTICA SOBRE PRÁTICAS CORPORAIS DE AVENTURA**

## **ORIENTEERING FOR PHYSICAL EDUCATION AT SCHOOLS: AUTOETHNOGRAPHY ABOUT ADVENTURE ACTIVITIES AT A TEACHING/LEARNING FACILITY**

Leonardo Liziero<sup>1\*</sup>  
Luiz Rogério Romero<sup>\*\*</sup>

### **RESUMO**

As Práticas Corporais de Aventura (PCA) compõem a cultura corporal de movimento e devem ser tematizadas na educação física escolar conforme os documentos oficiais, entretanto ainda são poucos os estudos originais que descrevem e analisam a sua implementação. O presente artigo<sup>2</sup> visa realizar uma autoetnografia para o aprimoramento da prática pedagógica de uma unidade didática de PCA desenvolvida com turmas de 5º ano do Ensino Fundamental em uma escola pública em tempo integral de Campo Grande/MS, com foco específico em uma aula de Orientação. A autoetnografia seguiu os passos de descrever, informar, confrontar e reconstruir, possibilitando reflexão sobre a prática, contato com literatura específica e aprimoramento do planejamento de ensino. As PCA em geral, e a Orientação em específico, apresentam-se como elementos da cultura corporal de movimento pertinentes de ser desenvolvidas em todas as etapas da educação básica sendo necessário ressignificar práticas, materiais e espaços. Ainda, a análise de prática por meio da autoetnografia é uma ferramenta importante para o processo de formação profissional e aprimoramento do fazer docente.

**Palavras-chave:** Análise de prática. Metodologias. Modelos de ensino.

### **ABSTRACT**

Adventure activities are part of the culture of body movements and exercises and must be inserted into Physical Education at schools according to official guidelines. However, there are not many researches that describe and analyze their implementation. This article aims at researching autoethnography to improve teaching practices at some teaching/learning facility that works with adventure activities at 10-year-old primary school classes at a full-time public school located in the city of Campo Grande, in the State of Mato Grosso do Sul, specifically focused on a Orienteering lesson. The autoethnography focused on describing, informing, confronting and rebuilding practices, which enabled reflecting about it and researching specific literature and improving teaching planning. Adventure activities in general and specific Orienteering are part of

---

\* Mestrando do Programa de Mestrado Profissional Educação Física em Rede Nacional (ProEF) pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho. Professor de Educação Física pela Secretaria Municipal de Educação de Campo Grande/MS. Integrante do FORPPROF (Grupo de Pesquisa Formação e Práticas Profissionais). [professorleonardoef@gmail.com](mailto:professorleonardoef@gmail.com)

\*\* Docente do Departamento de Educação Física da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Faculdade de Ciência e tecnologia de Presidente Prudente/SP. Líder do FORPPROF (Grupo de Pesquisa Formação e Práticas Profissionais). [luiz.romero@unesp.br](mailto:luiz.romero@unesp.br)

<sup>2</sup> Tal proposta é produto final da disciplina Metodologia do Ensino da Educação Física do Mestrado Profissional Educação Física em Rede Nacional (ProEF) do polo UNESP-Presidente Prudente.

the culture of body movements that have to be developed in all primary education stages, which means it is necessary to give new meanings to practices, materials and spaces. Also, analyzing practices through autoethnography is a very important tool for the process of professional education and the improvement of teaching methods.

**Keywords:** Practical/practice analysis. Methodologies. Teaching models.

## **Introdução**

As Práticas Corporais de Aventura (PCA) estão inseridas na educação física escolar por meio da Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 2018), porém o seu desenvolvimento no contexto escolar ocorre antes mesmo da promulgação da BNCC (Corrêa, 2020; Inácio; Sousa; Machado, 2020; Severino; Pereira; Santos, 2016). É notável a pertinência e importância da previsibilidade dessas práticas no currículo obrigatório, seguindo uma tendência internacional (Inácio; Baena-Extremera, 2020) e garantindo o acesso aos conhecimentos inerente a essas práticas (Inácio; Sousa; Machado, 2020). Por outro lado, França *et al.* (2023) destacam poucos estudos originais sobre o tema em aulas de educação física escolar que auxiliem os professores nos caminhos metodológicos para sua implementação e efetivação.

As PCA compõem cultura corporal de movimento, devendo ser vivenciadas e tematizadas na educação básica. Parte-se dos pressupostos de uma educação física escolar republicana e democrática (Bagnara; Fensterseifer, 2019) para oportunizar a organização de unidades didáticas que contemplem diferentes práticas corporais inerentes à realidade social dos alunos, bem como expandir seus conhecimentos sobre elas. Para Tardin e Souza Neto (2021), superar o paradigma tradicional da educação física escolar pressupõe a apresentação de diferentes práticas corporais presentes no cotidiano dos alunos, colocando-os em papel central na tomada de decisões.

Entre possibilidades e benefícios da PCA na educação física escolar estão: aprendizagens motoras, cognitivas, afetivas e socioemocionais, além de cooperação, protagonismo, descoberta e risco, superação de limites, desafios e contato com a natureza, mobilizando para a educação ambiental (Corrêa, 2023; França *et al.*, 2023; Inácio *et al.*, 2016). O desenvolvimento das PCA proporciona estímulos apropriados às diferentes faixas etárias, sendo adequadas à todas etapas da Educação Básica, possibilitando o desenvolvimento de aspectos procedimentais, conceituais e atitudinais (Ferreira; Silva, 2020; Paixão, 2017; Tahara; Darido, 2016).

Dentre as diferentes Práticas Corporais de Aventura, tem-se a Orientação, que apresenta diferentes nomenclaturas tais como: Corrida de Orientação, Desporto Orientação, Esporte Orientação e possibilita aos praticantes diferentes experiências, seja na perspectiva competitiva, de lazer, socialização ou como conteúdo integrado ao currículo escolar na educação física e/ou de forma interdisciplinar (Sombra *et al.*, 2022). Para esse artigo será utilizada a nomenclatura Orientação, termo sugerido pela Confederação Brasileira de Orientação (CBO), que normatiza o esporte, além de ser o termo mais presente na literatura específica para referendar tal prática (Sombra *et al.*, 2022).

A Orientação é definida como:

[...] uma corrida desenvolvida em florestas, matas, trilhas e campos, onde os atletas usam um mapa detalhado e uma bússola para encontrar pontos no terreno previamente mapeado. O percurso é composto por um ponto de partida, um ponto de chegada e uma série de pontos intermediários numerados (ou PC - postos de controle), por onde o praticante terá que passar seguindo a sequência determinada no mapa. (Tahara; Cagliari; Darido, 2017, p. 3)

Sua prática promove promoção da saúde e diferentes competências, contribuindo para uma formação integral do indivíduo (Gomes; Neto; Gonçalves, 2023). Destaca-se o estudo de Dantas *et al.* (2022) que evidenciaram a Orientação no desenvolvimento de competências socioemocionais, em destaque as associadas a relações interpessoais e autoestima.

Para o presente artigo buscou-se um processo de autoetnografia visando o aprimoramento da prática pedagógica com foco específico em uma aula de Orientação, inserida em uma unidade didática de PCA desenvolvida com turmas de 5º ano do Ensino Fundamental de uma escola pública em tempo integral de Campo Grande/MS. A análise de práticas contribuem para um processo de formação profissional cada vez menos tecnicista e mais reflexivo (Bossle; Molina Neto, 2009; Tardin; Souza Neto, 2021). Esse processo de autoetnografia é produto da disciplina Metodologia do Ensino da Educação Física, do Programa de Mestrado Profissional Educação Física em Rede Nacional (ProEF), do polo Universidade Estadual Paulista (UNESP) em Presidente Prudente.

## **Metodologia**

Para esse artigo realizou-se uma autoetnografia para análise de prática de uma aula de Orientação, inserida em uma Unidade Didática de Práticas Corporais de Aventura.

Autoetnografia é uma forma de auto narrativa. O sujeito é contexto, ator e autor. A autoetnografia possibilita uma análise crítica e reflexiva, com base também em textos científicos que mobilize impactar na realidade de forma transformadora, mesmo diante dos desafios inerentes à essa realidade que possam demandar outras esferas de atuação e intervenção (Bossle; Molina Neto, 2009).

Optou-se por estruturar a autoetnografia nas quatro fases propostas por Smyth (1989), tendo como referência a autoetnografia realizada por Tardin e Souza Neto (2021). As quatro fases são: **(1) descrever (o que faço?)**: etapa que visa fazer um relato narrativo fiel da aula objeto de análise; **(2) informar (o que significa?)**: os motivos que levaram àquela aula acontecer (motivos da escolha, preferências, realidade social, etc.); **(3) confrontar (como me tornei assim?)**: análise das variáveis/motivos que levaram o docente a ser quem ele é no momento e impactam na aula; **(4) reconstruir (como posso fazer diferente?)**: etapa de repensar e ressignificar a prática pedagógica, buscando aperfeiçoá-la.

O uso da autoetnografia tem significativo potencial para contribuir para uma reflexão/ação ativa do professor em sua atuação profissional em diferentes contextos, seja de formação inicial ou continuada. Miranda e Bortoleto (2018) utilizaram do processo autoetnográfico em pesquisa participante com objetivo de sistematizar processos de ensino-aprendizagem sobre atividades circenses na formação inicial em Educação Física. Neves e Neira (2020) utilizaram tal encaminhamento metodológico junto à outras técnicas para analisar as representações culturais dos estudantes sobre as práticas corporais tematizadas e destacam a importância de seu uso para analisar os signos e sentidos envolvidos, criando condições para enunciação dos saberes dos alunos. Quando à opção por análise de planos de aula, tal ferramenta possibilita reflexão e aperfeiçoamento docente (Tardin; Neto, 2021; Tardin; Tanganini; Romero, 2023).

O processo autoetnográfico foi realizado a partir da seguinte questão mobilizadora: “Qual aula ou sequência de aulas desenvolvida previamente alcançou bons resultados na ótica do professor e pode ser revisitada buscando aprimorá-la?”. Com essa questão mobilizadora foi escolhida então uma sequência didática de PCA desenvolvida previamente com turmas de 5º ano do Ensino Fundamental, que eram o ano escolar no qual o professor-pesquisador atuava prioritariamente na escola. A escolha pelas PCA como conteúdo a ser desenvolvido nas aulas foi realizado por este constar no Referencial Curricular da rede de ensino (Campo Grande, 2022), bem como experiências pessoais do professor com as PCA e seus potenciais educativos. Desta unidade didática optou-se em

analisar, refletir e ressignificar o plano de aula sobre Orientação, tema que houve maior interesse, participação e comentários posteriores por parte dos alunos e professor.

## Resultados e Discussão

A aula escolhida para ser objeto de análise nessa autoetnografia compôs uma unidade didática de oito aulas tematizando Práticas Corporais de Aventura (PCA), seguindo as etapas da Metodologia da Problematização (MP) com o arco de Magueres (Berbel, 1999). Tal caminho metodológico é previsto no Projeto Político-Pedagógico (PPP) da escola em tempo integral na qual o professor atua.

Nessa metodologia os alunos realizam um percurso metodológico no qual são desenvolvidas cinco etapas. Ela tem como ponto de partida a observação da realidade para identificação de um problema e ponto de chegada essa mesma realidade com a ação de aplicação, visando a transformação/ressignificação dessa realidade. Quanto às etapas, elas são: **(1) observação da realidade** e a identificação de um problema (tema) a ser estudado; **(2) levantamento dos pontos-chave** buscando identificar as causas do problema, questões que são desconhecidas pelos estudantes referentes ao tema de estudo; **(3) teorização**, na qual buscará na literatura, por diferentes meios, subsídios e respostas. Esta etapa levantará diferentes possibilidades de soluções; **(4) hipóteses para solução**, na qual são testadas e verificadas as alternativas levantadas na teorização; **(5) aplicação à realidade**, na qual o aluno realizará intervenção por meio de uma ação transformadora/ressignificada, subsidiada nas etapas anteriores.



Figura 1: Metodologia da Problematização com o Arco de Magueres

**Fonte:** os autores, adaptado de Berbel (1999)

No quadro 1 apresenta-se a organização da unidade didática com PCA desenvolvida com turmas de 5º ano do Ensino Fundamental, indicando inicialmente a problematização elaborada e a sequência de aulas desenvolvidas, descrevendo a etapa da MP e uma breve descrição.

Quadro 1: Problematização e sequência de aulas da unidade didática sobre PCA

<b>PROBLEMATIZAÇÃO</b>		
<p>O ser humano desde os primórdios se utilizou do corpo para deslocar-se, sobreviver etc. Outra característica era a observação da natureza para orientação dos ciclos (dia, noite, estações etc.).</p> <p>Hoje em dia a necessidade de atividade física para a sobrevivência diminuiu, tornando dessas práticas uma alternativa de lazer ou esporte, como a Orientação, Slackline ou o Parkour, denominadas Práticas Corporais de Aventura. Vocês conhecem tais atividades? Que desafios e/ou sentimentos desenvolvemos com essas atividades? O que podemos aprender?</p>		
AULA	ETAPA DA MP	Breve descrição
1	Observação da realidade e Levantamento dos Pontos-chave	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Vivência de circuito de atividades alusivas às PCA (escala, skate, surf, montanhismo etc.)</li> <li>- Roda de conversa lançando a problematização e identificando os pontos-chave;</li> </ul>
2	Teorização	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Vídeos definindo PCA urbanas e PCA na natureza;</li> <li>- Registro de atividade escrita sobre os vídeos e identificando emoções referentes a prática de PCA;</li> </ul>
3	Hipóteses para solução	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Vivência de PCA com roda de conversa inicial, prática e roda de conversa final</li> <li>- Tema: Orientação</li> </ul>
4	Hipóteses para solução	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Vivência de PCA com roda de conversa inicial, prática e roda de conversa final</li> <li>- Tema: Escala/Montanhismo</li> </ul>

5	Hipóteses para solução	- Vivência de PCA com roda de conversa inicial, prática e roda de conversa final - Tema: Arvorismo
6	Hipóteses para solução	- Vivência de PCA com roda de conversa inicial, prática e roda de conversa final - Tema: Esportes Aquáticos
7	Hipóteses para solução	- Vivência de PCA com roda de conversa inicial, prática e roda de conversa final - Tema: Práticas sobre rodas
8	Aplicação à realidade	- Produção de vídeo dos alunos comentando sobre as PCA vivenciadas e as aprendizagens realizadas.

Na sequência buscaremos realizar as quatro etapas propostas por Smyth (1989): descrever, informar, confrontar e reconstruir, visando analisar a prática da aula com tema Orientação desta unidade didática sobre PCA.

### ***Descrevendo***

A aula objeto de análise foi desenvolvida com o objetivo de apresentar a Orientação enquanto uma PCA prioritariamente desenvolvida na natureza. Outros objetivos nessa aula foram: apresentar os pontos cardeais e possibilitar a sua identificação por meio da análise do nascer e pôr do sol; realizar a leitura de mapas simplificados.

O primeiro momento foi uma roda de conversa retomando o conceito de pontos cardeais que foi desenvolvido na aula de observação da realidade. Os alunos identificaram a direção em que nasce o sol (Leste), posicionando o braço direito e com essa identificação buscou apontar os demais pontos cardeais. O professor então solicitou que mudassem a direção do corpo ficando com as costas para a posição Leste e então deveriam identificar os demais pontos cardeais. Assim, buscou-se frisar que os pontos cardeais são fixos, o mesmo ocorrendo com mapas. Para fixar esse conhecimento foi realizada uma estafeta da Rosa dos Ventos. Nessa atividade os alunos foram agrupados em três equipes e formaram uma coluna. Cada integrante tinha em mãos uma tira de papel com um ponto cardeal ou ponto colateral (N, S, L, O, NE, NO, SE, SO) no outro extremo da coluna havia uma rosa dos ventos desenhada por meio de segmentos de reta em uma cartolina com

uma seta indicando o Norte. Um integrante por vez deveria correr até a cartolina e identificar a posição correta do seu ponto cardeal ou colateral colocando-o no local indicado. Esse aluno retornava e passava a vez ao próximo. Não era permitido o colega posterior corrigir algum erro movendo os cartões. Para esse caso, o aluno que identificasse o erro deveria colocar o seu cartão sobre o cartão incorreto. Ao final eram contabilizados quantos pontos foram colocados corretamente na Rosa dos Ventos. Tal atividade foi realizada duas vezes e teve envolvimento e participação de todos.

Na sequência uma nova roda de conversa foi realizada para apresentação da Orientação. Foi explicado o seu objetivo e feita a analogia a atividade “Caça ao Tesouro” e o mapa simplificado da escola foi apresentado aos alunos. Cada grupo previamente organizado para a atividade Rosa dos Ventos recebeu um mapa com cinco indicações de lugares. O mapa de cada equipe foi organizado com um percurso diferente. O professor possuía um gabarito com todos os pontos para conferência ao final. Junto aos mapas foi entregue uma ficha de controle, com a espaço para os alunos desenharem as formas geométricas ou desenhos de ícones simples que encontrariam nos pontos de controle. Esses pontos de controle foram organizados com cones e placas de papel cartão. Em cada ponto havia um desenho diferente (bola, planeta, caveira, sorriso, seta, quebra-cabeça etc.). Assim, a atividade consistia no grupo deslocar-se juntos, trabalhando em equipe (leitura do mapa, identificação do ponto, desenho do ponto de controle etc.) para realizar o percurso passando pelos cinco pontos designados no menor tempo possível, identificando-os de forma correta. O ponto de partida e chegada foi a quadra poliesportiva. Os grupos saíram no mesmo instante e foi marcado pelo professor em cada ficha de controle o tempo utilizado por cada equipe no percurso. Os critérios para identificação das equipes que venceram o percurso foi primeiramente a identificação correta dos cinco pontos para depois verificar o tempo gasto no percurso. O segundo critério foi o tempo gasto para realizar o percurso. Todo o grupo deveria realizar a atividade juntos, não podendo o grupo se separar no decorrer da atividade. Os alunos desempenharam satisfatoriamente a atividade, embora alguns com maior dificuldade no início da atividade para leitura do mapa.

Após a realização da Orientação foi feita uma roda de conversa final sobre as atividades da aula, buscando elencar pontos positivos, a melhorar, o que foi difícil na realização das atividades, de que forma os grupos se organizaram para o desenvolvimento das atividades, com ativa participação dos alunos.

### ***Informando***

A realização da aula de Orientação nas turmas dos 5º anos do Ensino Fundamental nas quais o professor atuava foi oriunda inicialmente do documento oficial que norteia prática pedagógica dos professores inseridos nessa rede de ensino, que prevê para o referido ano escolar as Práticas Corporais de Aventura. O documento indica a vivência de práticas corporais de aventura urbanas e na natureza, visando diferenciá-las de forma a desenvolver habilidades motoras, tais como: correr, agachar, entre outras (Campo Grande, 2022). Ainda, a escolha das práticas e atividades desenvolvidas foi realizada a partir de pesquisas e vivências do professor que havia tido contato no período de formação inicial com essa modalidade especificamente.

### ***Confrontando***

A busca por uma educação física que rompesse com sua prática predominantemente esportivista foi uma preocupação desde o início da carreira docente. A trajetória na formação inicial, com participação no Programa de Educação Tutorial (PET), com o desenvolvimento de diferentes ações de ensino, pesquisa e extensão, assim como a participação como professor supervisor no Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), bem como a preocupação acadêmica de (res)significar a educação física escolar, fizeram com que o professor autor dessa autoetnografia efetivasse diferentes práticas corporais em sua planejamento. Especificamente sobre a Orientação, o professor dessa autoetnografia teve contato em sua formação inicial por meio de projetos complementares e o influenciou na inserção em seus planejamentos. É fundamental a intenção de estudar e aprofundar sobre essa temática no contexto escolar, de forma espiral (reflexão/ação/reflexão) para absorver e transmitir os saberes inerentes a essas práticas de forma segura e adequadas (Corrêa, 2020, 2023). O contato com PCA durante a formação profissional, seja inicial ou continuada, é fator que impacta na implementação delas nas unidades didáticas, mesmo não sendo um fator decisivo (Corrêa, 2020; Inácio; Sousa; Machado, 2020; Severino; Pereira; Santos, 2016).

Ao analisar as representações sociais de alunos 4º ano do Ensino Fundamental, Triani e Telles (2020) identificaram equívocos de entendimento sobre o as PCA, sendo confundida inclusive com esportes tradicionais. Embora haja esforços para a diversificação dos conteúdos nas aulas de educação física escolar, tais representações são

ainda marcantes. Nesse sentido, a inserção de PCA em todas as etapas da educação básica possibilitam o acesso a esse componente da cultura corporal, bem como possibilita uma nova forma de educação física que dialoga mais assertivamente com os documentos oficiais e produção científica.

Inácio, Sousa, Machado (2020) destacam a opinião de professores sobre pertinência das PCA para sensibilização dos alunos em relação ao meio ambiente. Corrêa (2023) colabora com a sugestão de diferentes possibilidades de aplicação das modalidades de PCA no contexto escolar e argumenta que o seu desenvolvimento possibilita um espaço de reflexão, prática e vivência dessas práticas corporais possibilitando a compreensão dos diferentes saberes e análise das relações da cultura corporal de movimento, mídia, economia, política e meio ambiente.

Dentre as limitações e desafios para as PCA na escola estão falta de estrutura, materiais adequados, questões de segurança e conhecimentos específicos (Corrêa, 2020; França *et al.*, 2023; Inácio; Sousa; Machado, 2020; Severino; Pereira; Santos, 2016; Tahara; Darido, 2016). Por outro lado, o ensino das PCA na escola são viáveis uma vez que as adaptações são possíveis e necessárias, ressignificando prática, materiais e espaços (Corrêa, 2020; França *et al.*, 2023; Tahara; Darido, 2016).

### ***Reconstruindo***

Quanto às dimensões do conteúdo, a Orientação contempla na dimensão conceitual: histórico da modalidade, locais de prática, tipos de bússolas, leitura de mapas, ângulos e graus; na dimensão procedimental: deslocamento e contagem de passos, deslocamentos com diferentes graus de dificuldades; e na dimensão atitudinal: motivação em praticar, reconhecimento do terreno, cuidado com o meio ambiente, afetividade e companheirismo, sensações e emoções (Paixão, 2017).

A Orientação tem destaque na aplicação das PCA no contexto espanhol, sendo desenvolvido nos 5º e 6º anos, não utilizando a bússola no âmbito escolar, optando-se por pontos de referência (Inácio; Baena-Extremera, 2020). Os autores ainda indicam as estratégias didáticas utilizadas pelos professores: (1) introdução em sala de aula, apresentando os elementos da Orientação; (2) ensino do uso de mapas (dos mais simples – elaborados pelos professores e/ou alunos – aos mais elaborados – usados em competições); (3) realização de percursos (inicialmente em grupos e de forma não competitiva, para posterior provas individuais e/ou em grupos, realizadas na escola ou

entorno). O uso de Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC) na aplicação da Orientação no contexto escolar, como o uso de celulares para indicação de pontos de controle, é enriquecedora e bem vista por professores, que destacam a importância de ajustar de forma clara os objetivos e formas de utilização para efetiva aprendizagem (Tahara; Cagliari; Darido, 2017). Outras estratégias utilizadas para Orientação no contexto escolar são: adaptar espaço, equipamentos e materiais; elaborar mapas com poucos detalhes; organizar pequenos percursos, dentro da escola, para então outros mais longos e em outros espaços, cooperação enquanto requerimento metodológico e não apenas como valor a ser aprendido (Inácio; Baena-Extremera, 2020).

Quanto à avaliação os principais instrumentos elencados são: participação e envolvimento, ficha de observação, observação processual com foco na dimensão atitudinal (Inácio; Baena-Extremera, 2020). Silva (2020) propõe uma ficha auto avaliativa para aplicação em aulas de Orientação.

A partir das reflexões da autoetnografia e diálogo com a literatura específica compreende-se que os seguintes aspectos podem ser aprimorados e ressignificados:

- Organizar a proposta de Orientação para o mínimo de duas aulas.
- Em uma primeira aula seriam organizados três momentos: (1) apresentar por meio de fotos e/ou vídeos imagens referentes à Orientação (atletas, provas, elementos da prática – bússola, mapas); (2) Atividades sobre pontos cardeais, semelhante à atividade de estafeta já descrita. Realizar feedbacks interrogativos no desenvolvimento da atividade; (3) Orientação simples: entender o uso do mapa (mapa sempre fixo, o atleta que se move ao entorno dele). Para então realizar pequenos percursos na quadra poliesportiva. O professor mapeia 15 cones na quadra com imagens diferentes, dividindo os alunos em 4 grupos. Cada grupo recebe um mapa com 5 pontos os quais precisam identificar a sequência correta de pontos e anotar o símbolo correspondente da ficha de controle. A figura 2 demonstra o mapeamento na quadra poliesportiva.

- Na segunda aula seriam organizados outros três momentos: (1) roda de conversa inicial retomando a aula anterior: como ler mapa, posicionamento pontos cardeais, marcação dos pontos de controle etc.; (2) Orientação na escola: o professor realiza previamente o mapeamento de 15 pontos na escola com imagens diferentes. Na aula divide-se a turma em grupos de até 4 integrantes. Entrega para cada grupo um mapa (que serão diferentes entre si). Os grupos realizam uma análise inicial dos pontos de controle que deverão passar. Ao sinal de largada as equipes desenvolvem o trajeto proposto para o grupo. Os critérios para definição dos vencedores serão: correta marcação dos pontos

de controle e tempo de percurso. (3) Por fim, aplica-se uma ficha auto avaliativa. Sugerimos a proposta por Silva (2020). Há também a possibilidade de aplicar mais uma aula de Orientação pela escola. Caso essa seja a escolha, a etapa da ficha de auto avaliação fica para a última aula, sendo o último momento da segunda aula uma roda de conversa que possibilite troca de experiência entre os grupos, compartilhando as aprendizagens e dificuldades no processo de leitura do mapa, percurso realizado, entre outros aspectos.

### **Considerações Finais**

O presente estudo teve por objetivo realizar uma autoetnografia com objetivo de analisar prática docente de Orientação no contexto escolar, com turmas do 5º ano do Ensino Fundamental. No processo de descrever, informar, confrontar e reconstruir dialogamos com a literatura específica visando aprimorar a prática pedagógica de um professor que não possui larga experiência com as PCA, mas busca um compromisso didático de apresentar unidades didáticas significativas e diversificadas em seu contexto profissional.

As PCA são conteúdos pertinentes e exequíveis em todos os níveis de ensino, sendo destacado nesse artigo a aplicação em séries iniciais do Ensino Fundamental. A Orientação apresenta ricas possibilidades de aplicação nessa etapa e diferentes possibilidades de trabalhos interdisciplinares. Os desafios e dificuldades inerentes à implementação dessas práticas no contexto escolar podem ser contornados com uma postura proativa e comprometida do professor, bem como o acesso a literatura específica que oferece relatos e orientações didáticas efetivas.

Sugere-se a ampliação de processos de análise de práticas e autoetnografias para diferentes contextos e práticas corporais para contribuir na formação profissional dos professores de educação física escolar.

### **Referências**

BAGNARA, I.; FENSTERSEIFER, P. **Educação Física Escolar: política, currículo e didática**. Ijuí: Ed. Unijuí, 2019.

BOSSLE, F.; NETO, V. M. No olho do furacão: uma autoetnografia em uma escola da rede municipal de ensino de Porto Alegre. **Rev. Bras. Cien. Esporte**, Campinas, v. 31, n. 1, p. 131-146, set., 2009. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=401338540009> Acesso em: 11 fev. 2024.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, DF: MEC, 2018.

CORRÊA, E. A. Práticas corporais de aventura na Educação Física escolar. **Ambiente: Gestão e Desenvolvimento**, p. 113-138, jul., 2023. Disponível em: <https://periodicos.uerr.edu.br/index.php/ambiente/article/view/1122> Acesso em: 11 fev. 2024.

CORRÊA, I. L. D. S. Perspectivas e limitações do trabalho com práticas corporais de aventura na escola: um relato de experiência. **Cadernos do Aplicação**, v. 33, n. 1, p. 1-7, dez. 2020. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/CadernosdoAplicacao/article/view/104143/0> Acesso em: 11 fev. 2024.

DANTAS, T. R.; VIEIRA-SOUZA, L. M.; TRIANI, F. GETIRANA-MOTA, M.; SANTOS, J. L.; AIDAR, F, J.; COSTA, L. F. G. R.. Atividades corporais de aventura na escola. **Educación Física y Ciencia**, v. 24, n. 2, p. e216, abr. 2022. Disponível em: <https://efyc.fahce.unlp.edu.ar/article/view/efyce216> Acesso em: 11 fev. 2024.

FERREIRA, J. K. S.; SILVA, P. C. C. Práticas corporais de aventura na natureza na educação infantil: um relato de experiência. **Caderno de Educação Física e Esporte**, v. 18, n. 3, p. 157-164, dez. 2020. Disponível em: <https://e-revista.unioeste.br/index.php/cadernoedfisica/article/view/23628>. Acesso em: 11 fev. 2024.

FRANÇA, D. L.; ROCHA, A. J. P.; OLIVEIRA, V.; VAGETTI, G. C.. As práticas corporais de aventura nas aulas de Educação Física escolar: uma revisão de escopo. **Educação: Teoria e Prática**, v. 33, n. 66, p. e33[2023], maio 2023. Disponível em: <https://www.periodicos.rc.biblioteca.unesp.br/index.php/educacao/article/view/16988>. Acesso em: 11 fev. 2024.

GOMES, M. K. M.; NETO, A. M. D. M.; GONÇALVES, L. C. O. A corrida de orientação como objeto cognoscível prático para a formação integral. **Lecturas: Educación Física y Deportes**, v. 28, n. 299, p. 180-193, abr. 2023. Disponível em: <https://efdeportes.com/efdeportes/index.php/EFDeportes/article/view/3740/1819>. Acesso em: 11 fev. 2024.

INÁCIO, H. L. D. D.; CAUPER, D. A. C.; SILVA, L. A. P.; MORAIS, G. G.. Práticas corporais de aventura na escola: possibilidades e desafios - reflexões para além da Base Nacional Comum Curricular. **Motrivivência**, v. 28, n. 48, p. 168-187, set. 2016. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/article/view/2175-8042.2016v28n48p168>. Acesso em: 11 fev. 2024.

INÁCIO, H. L. D. D.; BAENA-EXTREMERA, A. Práticas corporais de aventura na educação física espanhola: um estudo com foco na metodologia e na avaliação. **Caderno de Educação Física e Esporte**, v. 18, n. 3, p. 125-131, set. 2020. Disponível em: <https://e-revista.unioeste.br/index.php/cadernoedfisica/article/view/23314>. Acesso em: 11 fev. 2024.

INÁCIO, H. L. D. D.; SOUSA, C. C.; MACHADO, L. F. A presença das práticas corporais de aventura em escolas públicas da região metropolitana de Goiânia: um

estudo exploratório. **Motrivivência**, v. 32, n. 63, p. 1-16, nov. 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/article/view/76350>. Acesso em: 11 fev. 2024.

MIRANDA, R. C. F.; BORTOLETO, M. A. C. O circo na formação inicial em educação física: um relato autoetnográfico. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 40, p. 39-45, mar. 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbce/a/MRQ6kxTSRXZDZpdD4vKnmWD/?lang=pt>. Acesso em: 11 fev. 2024.

NEVES, M. R.; NEIRA, M. G. O currículo cultural de Educação Física em ação: efeitos nas representações culturais dos estudantes sobre as práticas corporais e seus representantes. **Motrivivência**, v. 32, n. 63, p. 1-19, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/article/view/76536> Acesso em: 11 fev. 2024.

PAIXÃO, J. A. O esporte de aventura como conteúdo possível nas aulas de educação física escolar. **Motrivivência**, v. 29, n. 50, p. 170-182, abr. 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/article/view/2175-8042.2017v29n50p170>. Acesso em: 11 fev. 2024.

SEVERINO, A. J.; PEREIRA, D. W.; SANTOS, V. F. S. Aventura e educação na Base Nacional Comum. **EccoS – Revista Científica**, n. 41, p. 107-125, dez. 2016. Disponível em: <https://periodicos.uninove.br/eccos/article/view/6954>. Acesso em: 11 fev. 2024.

SILVA, C. C. D. **Práticas corporais de aventura nos anos iniciais: a organização e a sistematização curricular nas aulas de Educação Física**. 2020. 180 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação Física) - Centro de Ciências da Saúde, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2020.

SMYTH, J. **Developing and Sustaining Critical Reflection in Teacher Education**. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/002248718904000202>. Acesso em: 20 nov. 2023.

SOMBRA, F. L. B.; MARTINS, C.; NUNES, C. L.; ALVES, M. P. Corrida de orientação, esporte orientação, orientação: Um estudo de revisão. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, v. 17, n. 2, p. 1557-1577, abr. 2022. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/iberoamericana/article/view/15331>. Acesso em: 11 fev. 2024.

TAHARA, A. K.; CAGLIARI, M. DE S.; DARIDO, S. C. Celular, corrida de orientação, Educação Física Escolar: elaboração e avaliação de um material didático. **Arquivos de Ciências do Esporte**, v. 5, n. 1, p. 2-5, abr. 2017. Disponível em: <https://seer.uftm.edu.br/revistaelectronica/index.php/aces/article/view/1983>. Acesso em: 11 fev. 2024.

TAHARA, A. K.; DARIDO, S. C. Práticas corporais de aventura em aulas de educação física na escola. **Conexões**, v. 14, n. 2, p. 113-136, ago. 2016. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/conexoes/article/view/8646059>. Acesso em: 11 fev. 2024.

TARDIN, H. P.; NETO, S. D. S. Análise da prática na educação física: o plano de aula como reflexão crítica de um professor iniciante. **Revista Prática Docente**, v. 6, n. 2, p. e073, ago. 2021. Disponível em: <https://periodicos.cfs.ifmt.edu.br/periodicos/index.php/rpd/article/view/361/353>. Acesso em: 11 fev. 2024.

TARDIN, H. P.; TANGANINI, B. D.; ROMERO, L. R. Análise de plano de aula no programa residência pedagógica: uma possibilidade de reflexão crítica. **Trilhas Pedagógicas**, v. 13, n. 16, ago. 2023. Disponível em: <http://ojs.fatece.edu.br/index.php/trilhas-pedagogicas/article/view/199> Acesso em: 11/02/2024.

TRIANI, F.; TELLES, S. D. C. C. Representações sociais sobre os esportes de aventura na educação física. **Interfaces da Educação**, v. 10, n. 30, p. 246-267, jul. 2020. Disponível em: <https://periodicosonline.uems.br/index.php/interfaces/article/view/3946> Acesso em: 11 fev. 2024.